

SALVADOR E OLINDA NOS EMBLEMAS URBANOS DO *THESAURUS PHILO-POLITICUS* DE DANIEL MEISNER E EBERHARD KIESER

SALVADOR E OLINDA IN THE URBAN EMBLEMS OF DANIEL MEISNER AND EBERHARD KIESER'S *THESAURUS PHILO-POLITICUS*

Rubem Amaral

ABSTRACT: This article examines the emblems dedicated to Salvador (Bahia) and Olinda (Pernambuco) by Daniel Meisner and Eberhard Kieser in their singular book of urban emblems *Thesaurus Philo-Politicus. Das ist: Politisches Schatzkästlein*, first published in Frankfurt on the Main between 1623 and 1631. Those Brazilian cities, together with Cuzco in Peru, were the only ones in America among the 830 plates included in the work. I describe the respective inserted emblematic *picturae*, with transcriptions and translations of the German and Latin *inscriptiones*, *subscriptiones* and *explicit*, and I attempt to interpret them and identify the sources of the views.

KEYWORDS: Daniel Meisner, Eberhard Kieser, Urban Emblems, *Thesaurus Philo-Politicus*, *Politisches Schatzkästlein*, Salvador, Olinda.

RESUMEN: Este artículo pone en evidencia los emblemas dedicados a Salvador (Bahia) y Olinda (Pernambuco) por Daniel Meisner y Eberhard Kieser en su singular libro de emblemas urbanos *Thesaurus Philo-Politicus. Das ist: Politisches Schatzkästlein*, publicado por primera vez en Frankfurt del Meno entre 1623 y 1631. Esas ciudades brasileñas, juntamente con el Cuzco, en Perú, fueron las únicas de América entre las 830 estampas incluidas en la obra. Se hace una descripción de las respectivas *picturae* emblemáticas inseridas, con las transcripciones y traducciones de las *inscriptiones*, *subscriptiones* y *explicit* en alemán y latín, juntamente con intentos de su interpretación y la indicación de las fuentes de las vistas.

PALABRAS CLAVES: Daniel Meisner, Eberhard Kieser, emblemas urbanos, *Thesaurus Philo-Politicus*, *Politisches Schatzkästlein*, Salvador, Olinda.

Entre os anos de 1623 e 1631, vem à luz em Frankfurt sobre o Meno, em dois tomos divididos em oito partes cada um, a primeira edição do *Thesaurus Philo-Politicus*. Das ist: *Politisches Schatzkästlein* de Daniel Meisner (também grafado Meissner) e Eberhard Kieser, impressa por este último [fig. 1].



Fig. 1. D. Meisner e E. Kieser, *Thesaurus Philo-Politicus*, Frankfurt, 1625, frontispício.

Trata-se de obra *sui generis*, o único livro de emblemas urbanos de que se tem notícia, pouco conhecido até dos estudiosos da emblemática, apesar de ter sido estudado pelo grande colecionador Sir William Stirling Maxwell, que sobre ele deixou um texto manuscrito, e de estar registrado nas bibliografias de Mario Praz (Praz, 1964: 417-420) e John Landwehr (Landwehr, 1972: números 426-429). Embora imagens urbanas ocorram ocasionalmente em outras obras do gênero, como, por exemplo, alguns dos emblemas dos *Emblematum Ethico-Politicorum Centuria* de Zingref e Merian (1619), em que aparece a silhueta de Heidelberg, são quase sempre minúsculas vistas de fundo, cidades imaginárias não identificadas ou idealizações de cidades da Antiguidade. Como declara Christian Bouzy, «la ville est omniprésente dans l'emblématique, aussi bien dans les images que dans les textes, mais c'est le plus

souvent de manière diffuse, anodine et anecdotique, dans une espèce d'arrière-fond que l'on pourrait qualifier de subliminal s'il s'agissait d'images animées» [a cidade é onipresente na emblemática, tanto nas imagens quanto nos textos, mas é mais comumente de maneira difusa, anódina e anedótica, numa espécie de pano de fundo que se poderia qualificar de subliminar se se tratasse de imagens animadas] (Bouzy, 2016: 81). O *Thesaurus Philo-Politicus*, ao contrário, é uma reunião sistemática de representações, quase sempre realistas, de um ingente número de cidades autênticas de sua época. O formato oblongo, raro em livros de emblemas, com *picturae* de largura maior do que a habitual, permite a apresentação de vistas panorâmicas com mais precisão no desenho de pormenores nas imagens de fundo. No dizer de Víctor Mínguez e Inmaculada Rodríguez (2011: 395), a publicação «*was the fruit of modern man's double disquietude to identify all the places on the planet and endow them with a metaphoric meaning*» [foi fruto da dupla preocupação do homem moderno por identificar todos os lugares do planeta e dotá-los de significado metafórico].¹

Sua história editorial é sumamente complicada. Ainda segundo Mínguez e Rodríguez (405), depois do aparecimento inicial da primeira parte, continuaram a sair reedições de cada parte sucessiva, devendo-se adicionar a isto o fato de que, ao mesmo tempo, novas edições foram publicadas em latim e em alemão de algumas das partes que haviam sido reeditadas. Além disso, após a morte, em 1625, de Meisner, idealizador do conjunto, desenhista das *picturae* e autor das *inscriptiones* e *subscriptiones* dos emblemas, a obra completa foi publicada várias vezes, também com o título modificado, enquanto algumas das reedições consistiram apenas de uma parte isolada. Seu êxito foi, portanto, imenso, mas o processo editorial muito desordenado.

Embora a autoria seja tradicionalmente atribuída integralmente a Meisner, as composições latinas das duas últimas partes foram feitas por Johan Ludwig Gottfried e publicadas sob a exclusiva responsabilidade do editor e gravador Eberhard Kieser, após o falecimento de Meisner, com material remanescente não utilizado por este. A obra é composta de 830 belas estampas gravadas em cobre por diferentes artistas, nas quais, sobre o horizonte constituído pela vista de uma cidade ou de um grande monumento arquitetônico –castelo, palácio, fortaleza, convento ou igreja–, sobrepõe-se, em primeiro plano, um emblema moral cujo sentido, por vezes francamente prejudicial à política e aos costumes do lugar ou baseadas em tradicionais características preconceituosas atribuídas aos seus habitantes, geralmente guarda alguma relação com a história, a cultura ou uma marca particular da urbe ou da edificação representada, mas, outras vezes, não denota qualquer conexão ou esta é demasiado peregrina. É de supor-se que essas associações são mais conspícuas no caso de cidades europeias. Em ocasiões, a imagem mantém grande semelhança com a cidade ou edifício em questão; em outras, não passam de visões fantasiosas ou dificilmente reconhecíveis. Pode-se presumir que estão principalmente incluídas na última categoria as referentes a localidades situadas em regiões mais longínquas e exóticas, nas quais a perspectiva urbana imaginária serve apenas de pretexto, moldura ou suporte gráfico do emblema moral, sem nexos conceitual ou alegórico com ele.

A parte moral das estampas às vezes explora tópicos recorrentes no fabulário ou nas obras de outros emblemistas, como a Fortuna, a Inveja, a pobreza que impede de progredir

1. Por motivo de acessibilidade linguística, utilizei quase exclusivamente para este texto dados contidos nesse artigo e em Rodríguez Moya (2013), porquanto a pouca literatura existente sobre o assunto está principalmente em alemão, merecendo ser citados a Introdução à edição fac-similar *Daniel Meissners Thesaurus Philo-Politicus (Politisches Schatzkästlein)* de Fritz Herrmann e Leonhard Kraft (Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1927) e os artigos de Dietmar Peil (1998) e de Hans Fellner (1991).

os indivíduos intelectualmente mais bem dotados, a piedade filial da cegonha, a ave fênix em chamas, a ave do paraíso que não pousa nunca, o grou vigilante que dorme segurando uma pedra, as painéis de metal e de barro que descem juntas uma correnteza. O elaborado frontispício de cada parte também apresenta uma moldura formada por várias empresas, personificações ou alegorias.

A coleção inclui lugares de todo o mundo então conhecido, mas naturalmente contempla em muito maior número cidades europeias, especialmente alemãs (400), seguidas pelas holandesas (65), austríacas (40), húngaras (40), italianas (40), francesas (35), belgas (33), espanholas (24), e de menor número de outros países e regiões. Portugal continental comparece com quatro. Entretanto, essa distribuição geopolítica atual nem sempre corresponde exatamente à que existia naquela época, graças às modificações territoriais ocorridas desde então nas regiões consideradas.

Algumas cidades estão representadas mais de uma vez, através de diferentes aspectos. É o caso de Roma, que figura oito vezes, com uma vista panorâmica e sete diferentes igrejas. Em cada uma das dezesseis partes, as localidades são incluídas na ordem alfabética dos nomes, frequentemente em sua forma latinizada.

Cada parte contém 52 emblemas, exceto a terceira parte do volume II, com apenas 50, numerados em algarismos arábicos, salvo a primeira parte do volume I, que não é numerada. Constitui, portanto, um dos mais extensos livros de emblemas, que obedece rigorosamente ao esquema tríplice canônico *inscriptio-pictura-subscriptio* e ainda acrescenta um *explicit* para cada um, mantendo embora o caráter um tanto críptico próprio do gênero.

No trabalho acima referido, Mínguez e Rodríguez estudam com bastante proficiência o efervescente ambiente cultural europeu em que se insere o *Tesaurus Philo-Politicus*, os raros dados biográficos de Meisner, as fontes iconográficas utilizadas para as vistas urbanas, –entre as quais destacam a *Cosmographia* de Sebastian Münster de 1550, as gravuras de Hoefnagel de cerca de 1564, o *Civitatis Orbis terrarum* de Braun e Hogenberg, publicado a partir de 1572, os *Comentariorum rerum Germanicum* de Petrus Bertius (Amsterdã, 1616) e a *Monasteriologia* de Karl Stengel (Augsburgo, 1619)–, os gravadores envolvidos, os temas e as origens dos emblemas morais etc. Insistir aqui nesses pormenores seria repetir desnecessariamente o que esses autores escreveram. O objetivo do presente estudo é explorar o fato de que duas cidades brasileiras, Salvador e Olinda, estão incluídas nesses emblemas, bem como analisar perfunctoriamente as suas características. Utilizo, para tanto, o fac-símile feito pela Verlag Dr. Alfons UHL, de Nördlingen, em 1992, sobre exemplar da Bayerische Staatsbibliothek de Munique da edição impressa em Frankfurt sobre o Meno, de 1625-1626 e 1627-1631, que é o que tive à disposição. A inclusão dessas duas cidades na coleção é tanto mais notável pelo fato de, juntamente com Cuzco, no Peru, serem as únicas contempladas de todo o continente americano.

O emblema referente a Salvador [fig. 2] é o número 36 da Sexta Parte do volume I, publicada em 1625. Nele, pairando acima de um panorama tomado da Baía de Todos os Santos, além da identificação da cidade –«*S. Salvator, in Brasilien*»– vê-se um braço que, projetando-se de uma nuvem –artifício geralmente usado na emblemática para denotar a divindade– segura na mão um frasco alado de vidro transparente, muito frequente, mas naturalmente sem o apêndice das asas de pássaro, em antigas representações de médico atendendo paciente, usualmente observando o conteúdo do recipiente contra a luz, no exame denominado uroscopia, como os que figuram no Emblema 75 da *Morosophie* de Guillaume de la Perrière, nos emblemas «*Voluptatvm vsvræ morbi et miserixæ*», «*Qvo plvs svnt potæ, plvs sitivntvr aqvæ*», «*Avarvs nisi cvm moritvr, nihil recte facit*», «*Liberali homini volvnt omnes qvam optime*» dos *Emblemata Horatiana* de Oto Vênio, e no emblema 51 da segunda parte do Volume

I do próprio *Thesaurus Philo-Politicus*, relativo à cidade bávara de Würzburg, com a *inscriptio* «*Fidus uterque Comes*», assim como nas gravuras relativas ao médico nas Danças Macabras e em numerosas pinturas. É um recipiente de vidraria de laboratório, denominado balão de fundo redondo. De seu interior, contendo presumivelmente urina, sai uma lombriga ou serpente. A gravura é encimada pela *inscriptio* «*Haec Maxima Dona vigescunt*» [Estes dons prevalecem especialmente], e traz ao pé da estampa a *subscriptio* latina «*Corporis, Ingenii donis, Sortisque coruscat / Si quis; haec tria sunt maxima dona Dei*» [Se alguém brilha pelos dons do corpo, do engenho e da sorte, deve estes três dons especialmente a Deus]. Logo abaixo, vem a *subscriptio* em alemão: «*Wer Grundt, klug und von gutem Glück / Der hat von Gotts drey schöner Stück: // Melcher sie nun von Ihm kan habn, / Der hat fürwar die grösten Gabn*» [Quem permanece firme, prudente e com boa sorte, recebe de Deus três belas coisas: / As quais só Dele pode receber, pois na verdade é Ele quem possui os maiores dons].

No início dessa parte do livro, na seção latina não foliada dedicada à breve interpretação



Fig. 2. D. Meisner e E. Kieser, «S. Salvator in Brasiliën», *Thesuri Philo-Politiici Pars Sexta*, Band 1, 1625, Emblema 36.

das figuras e emblemas, vem a seguinte explicação: «36. Salvatoris oppidum in Brasilia. Haec maxima dona vigescunt. Manus, è nube porrecta, vrinale preferens, in quo vermis natat, innuere videtur, secundam valetudinem, rectam rationem, aequabilem vitam summa hominis esse bona» [Cidade do Salvador no Brasil. *Haec maxima dona vigescunt.*² Uma mão se projeta de dentro de uma

2. Agradeço à Dra. Beatriz Antón Martínez, de Universidade de Valhadolid, a valiosa ajuda para a tradução das passagens em latim dos dois emblemas aqui estudados.

nuvem e mostra um urinol dentro do qual vê-se que flutua um verme, denotando que a boa saúde, um juízo reto e uma vida estável são os maiores bens do homem]. Na seção em alemão, a explicação é a seguinte: «*S. Salvator in Brasilien. Haec máxima Dona vigescunt. Durch die Hand so auss den Wolcken reicht / und das Harnglass oder Urinal helt / darinnen ein Wurm / wird angedeutet / dass dieses die drey besten stuck senen / so einem menschen wiberfahre mögen nemlich / Gesundheit / Verstand / und notwendiger underhalt*», cujo sentido é o mesmo do texto latino.

O motivo escatológico do emblema parece-me de mau gosto, ao menos para os padrões atuais, e muito forçada, no que toca à cidade contemplada, a lição moral dele extraída. A não ser que contenha alguma alusão velada cuja natureza seja-me desconhecida, não vejo ali outra conexão com Salvador salvo uma possível relação entre o nome da cidade e a referência a Deus na *subscriptio*.

Segundo Pedro Germano Leal (2017: 44), que interpreta a palavra *vermis* como serpente e não como verme, a *subscriptio* permite ao leitor identificar a figura enigmática no lado superior direito: uma mão (Deus) apresentando um frasco (corpo) alado (destino) com uma serpente (inteligência) emergindo dele, sintetizando assim a *inscriptio*. E acrescenta que, como na maioria dos casos no livro de emblemas de Daniel Meissner, o leitor é deixado a imaginar qual é a conexão entre o conteúdo emblemático e os elementos históricos e geográficos a ele associados, se é que existe alguma.

A edição fac-similar de que me servi indica, sempre que conhecida, a fonte da imagem da cidade representada. No caso de Salvador, nenhuma fonte é citada. De acordo com Joaquim de Sousa Leão (1957), são do ano de 1624 e holandesas as vistas impressas mais antigas da primeira capital do Brasil. Ilustram as narrativas de sucessos bélicos que tiveram natural repercussão, numa fase de plena expansão do poderio batavo, em que sua marinha, temperada no cadinho da guerra, se tornara a mais temível do mundo. Uma delas é a representação da cidade na bela gravura de Claes Janszoon Visscher e Hessel Garritszoon, impressa em Amsterdã, sobre a qual teriam sido decalcadas as demais estampas conhecidas –holandesas, alemãs e outras– que representam o assalto da frota da Westindische Compagnie e cujos textos constituíam o jornalismo da época. Ampla perspectiva aérea mostra, em primeiro plano, as naus atacantes que disparam por bandas contra os fortes de Itapagipe e São Marcelo, enquanto os transportes efetuam um desembarque junto à barra [fig. 3]. Essa vista é aproximadamente de 1624, ano do referido ataque. Do dito ano é também a que foi publicada, na mesma cidade holandesa, ilustrando um folheto impresso com notícias sobre a tomada de Salvador pelos holandeses, que em tudo se assemelha àquela, exceto pela inclusão de pequena cartela no canto inferior esquerdo com um mapa da Baía de Todos os Santos [fig. 4] (Reis, 2000: 24).

A estampa de Meissner, que não traz assinatura do gravador, deve ser uma adaptação de uma dessas ou de alguma outra nelas baseada, mas desprovida do aspecto de operação bélica naval, com o número de embarcações bastante reduzido, mas com as fortalezas disparando seus canhões, o que denuncia claramente a derivação.

Nessa mesma edição da obra, o emblema referente a Olinda é o número 34 da Quinta Parte do volume II, publicada em 1630, o qual traz a inicial «L» como monograma do gravador, correspondente a Johann Eckard Löffler [fig. 5]. Encabeça a gravura a *inscriptio* «*Insunt meliora latentque*» [O melhor está no interior e oculto]. Abaixo, inserto na gravura, o nome da cidade: «*Olinda de Phernambuco*». No canto superior esquerdo vê-se um pequeno escudo de armas contendo a figura de um navio. Escudos com o mesmo formato aparecem em muitos outros dos emblemas, às vezes totalmente em branco. No canto inferior esquerdo, em primeiro plano, situa-se uma mesa redonda de pés em volutas, assente numa espécie de plataforma em

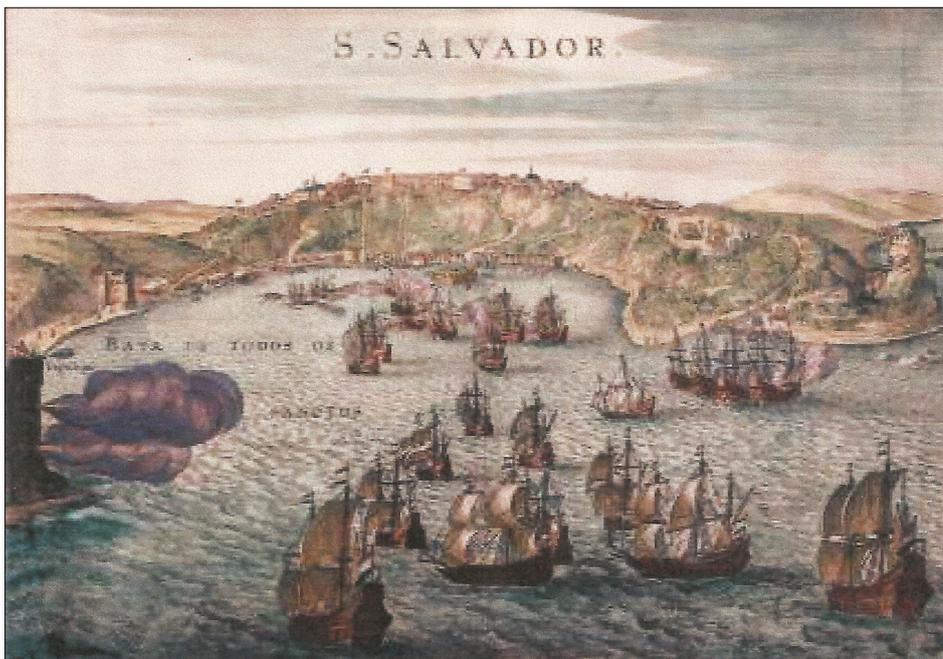


Fig. 3. C. J. Visscher e H. Garritszoon, «S. Salvador», assalto da frota da Westindische Compagnie, Amsterdã, c. 1624.

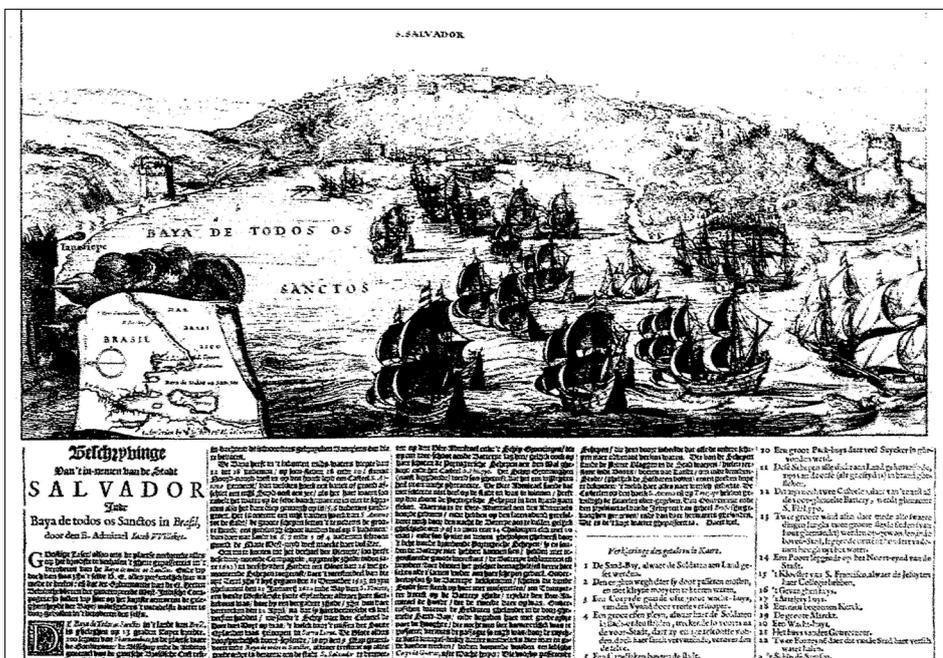


Fig. 4. «S. Salvador», Gravura que ilustra notícias sobre a tomada da cidade pelos holandeses, Historische Museum de Roterdã -- Atlas Van Stolk, 1624, 311.

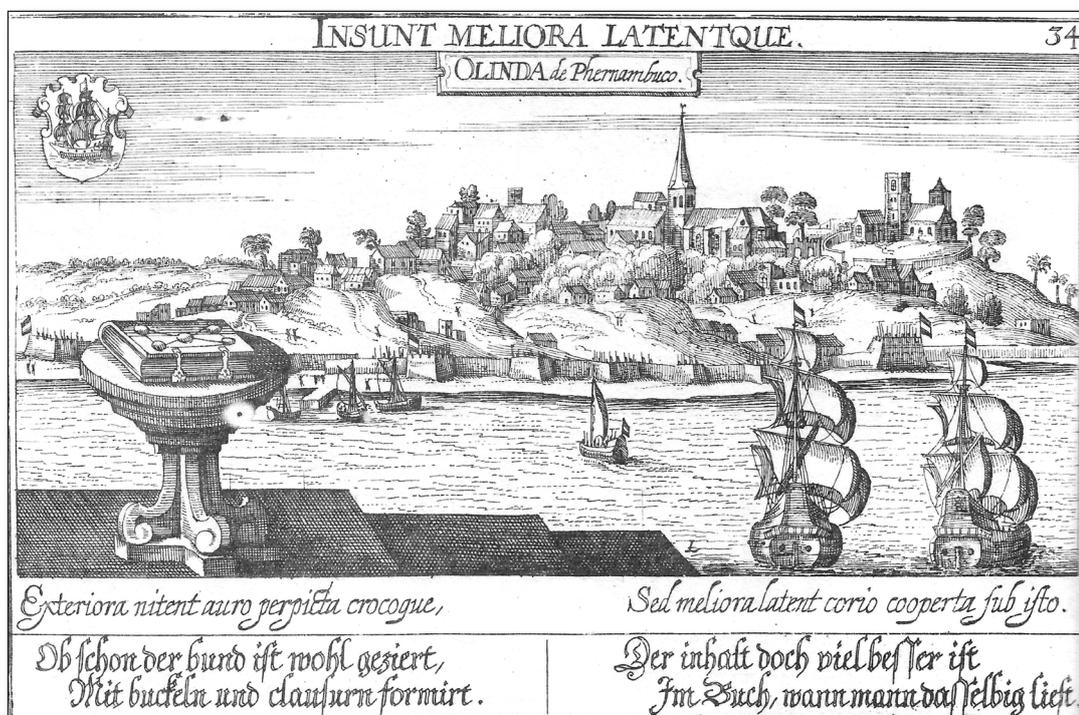


Fig. 5. Daniel Meisner e Eberhard Kieser, «Olinda in Phernambuco», *Thesuri Philo-Politici Pars Quinta*, Band 2, Frankforte sobre o Meno, 1630, Emblema 34.

degraus à beira da água, sobre a qual repousa um volumoso livro luxuosamente encadernado, representando certamente a Bíblia. Abaixo da gravura, em uma linha, a *subscriptio* latina «*Exteriora nitent auro perpicta crocoque, / Sed meliora latent corio cooperta sub isto*» [O exterior brilha realçado pelo ouro e a púrpura, / Mas o melhor permanece oculto debaixo disso]. Mais abaixo, em duas colunas, a *subscriptio* em alemão: «*Ob schon der bund ist wohl geziert, / Mit buckeln und clausurn formirt. // Der inhalt doch viel besser ist / Im Buch, wann mann das selbig liest*» [Embora a encadernação Oh seja bem elegante, / adornada com brochos e fechos. // O conteúdo é muito melhor quando a própria pessoa lê o livro]. Nesta parte, a sucinta explicação do emblema vem somente em alemão, na página 13: «34. Olinda in Phernambuco. *Insunt meliora latentque. Innen Schöner als aussen*» [Internamente mais bela que externamente]. «*Schöne Gestalt / juste proportion / gleich, mässige Glieder des Leibs / lieblich Keden / und Geberden / siehren den Menschen nicht wenig / Viel mehr aber Weissheit / Tugent / Geschicklichkeit / so inwendig im Gemuth verborgen / und von aussen nit mag gesehen weden*» [Bonita forma / proporção exata / membros do corpo regulares / fala e gestos amorosos / acrescentam bastante às pessoas / muito mais pela sabedoria / honesta / com habilidade / internamente escondida que não pode ser vista de fora].

Mais uma vez, parece não haver conexão aparente entre o emblema e a cidade, a não ser que, também neste caso, tenha relação com o seu nome, tendo em vista inclusive a tradição que atribui sua origem a uma suposta exclamação do português Duarte Coelho, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, ou de um galego seu criado –«Oh, linda!»– ao contemplar o local onde iria ser estabelecida a futura vila. A versão já fora registrada por Ambrósio Fernandes Brandão nos *Diálogos das Grandezas do Brasil* (1618) e por frei Vicente do Salvador

na *História do Brasil* (1627). Será que o emblemista alemão conhecia o significado da palavra «linda» ou tinha notícia dessa tradição? Seja como for, ao menos neste emblema o nexo entre a *pictura* e a moralidade da *subscriptio* parece mais perceptível do que o do anterior.

O historiador pernambucano Leonardo Dantas Silva, no livro inédito *Olinda! O teu nome bem diz*,³ declara:

Os cronistas que descrevem a Vila de Olinda no final da segunda metade do século XVI e nos anos que antecederam ao incêndio provocado pelos holandeses, em novembro de 1631, são unânimes em proclamar as suas belezas naturais e a imponência do seu casario, dominados por ricos conventos, belas igrejas, a grandiosidade do seu colégio e o ambiente acolhedor de suas residências.



Fig. 6. T. de Bry e M. Merian, «Olinda», *Historia antipodvm sive Novi Orbis, qvi vvlgo Americae et Indiae Occidentalis nomine vsurpatur, pars nona[-decima tertia]*, Frankfurt, 1633-1634.

A edição fac-similar que utilizei dá uma fonte para a perspectiva da cidade, que seria M. Merian, *Beschreibung der Fahrten nach Amerika*, Teil 14. Não consegui compulsar essa edição, mas parece que se trata da gravura de Matthäus Merian publicada em 1633-1634 [fig. 6] nas *Voyages* do famoso gravador, ourives e editor Theodor de Bry, cuja impressão, em

3. Agradeço ao autor a gentileza de proporcionar-me o manuscrito dos capítulos iniciais desse trabalho em preparação.

quatorze volumes, iniciou-se em 1590. Não tendo tampouco acesso a essa obra, a imagem que reproduzo é da *Historia antipodvm sive Novi Orbis, qvi vulgo Americae et Indiae Occidentalis nomine vsurpatur, pars nona[-decima tertia]*, editada por Merian em Frankfurt pelos mesmos anos, a qual parece ser a versão latina daquela. Merian trabalhou em Frankfurt na editora do filho e sucessor de Theodor de Bry, Johan Theodor, com cuja filha Maria Magdalena se casou. A partir de 1623, assumiu o negócio, após a morte do sogro, tendo continuado e concluído as partes posteriores e edições das *Voyages*. Mas essa estampa, apenas com separação e diferente disposição das duas bandas para adaptá-la ao tamanho da página, é igual a outra de Nicolaus Ioannis Piscator (forma latinizada de Claes Janszoon Visscher) de cerca de 1630, que ilustra um folheto publicado em Amsterdã, em francês e neerlandês, com breve relato da conquista de Olinda por Hendrick Corneliszoon Lonck, ocorrida no início daquele ano [fig. 7]. Pela data, pela disposição horizontal contínua das duas bandas e pelo título centrado, possivelmente seja este o modelo original.

Também neste caso, o emblema de Meisner suprime os aspectos bélicos da gravura original, isto é, o ataque da esquadra holandesa concentrada no lado esquerdo do observador, bem como, no lado direito, a cartela do primeiro plano com a identificação das localidades assinaladas por letras.

Os emblemas de Salvador e Olinda foram mantidos na reedição da obra de Meisner feita em Nurembergue por Paulus Fürster após a morte de Kieser em 1631, com o título mudado para *Sciographia Cosmica* e o número de estampas reduzido para 800, reordenadas por critério geográfico. A reedição de 1700, feita em Nurembergue por Rudolf Johann Helmers, recebeu o título latino de *Politica-politica*, seguido de longo subtítulo em alemão.

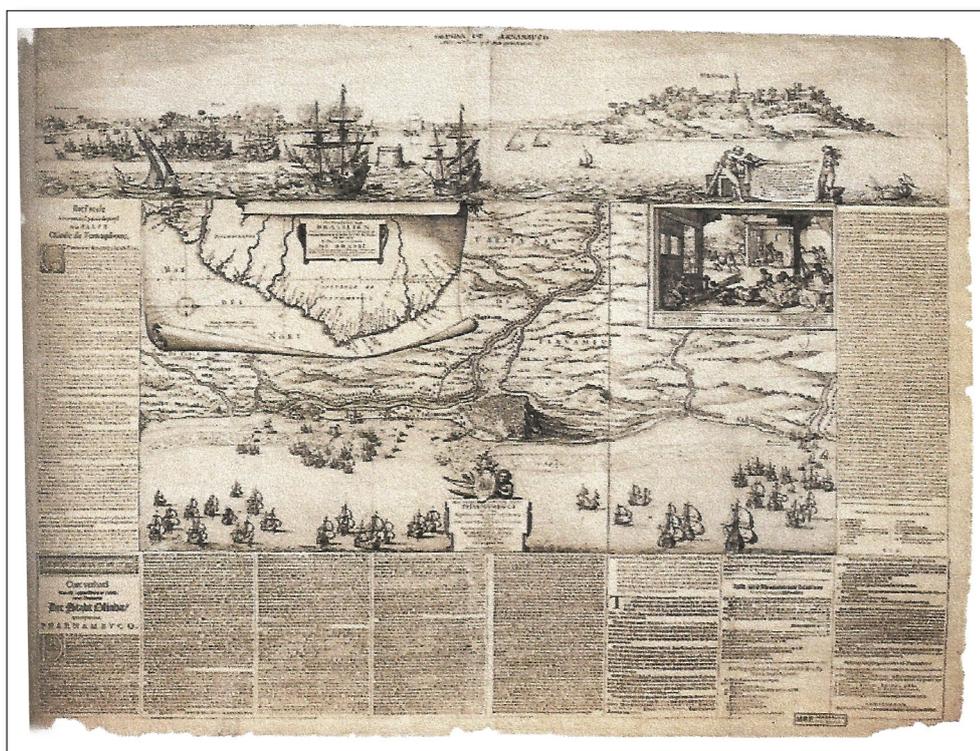


Fig. 7. C. J. Visscher (= N. I. Piscator), «Olinda de Phernambuco», Amsterdã, c. 1630.

BIBLIOGRAFIA

- BOUZY, C. [2016], “La cité sans murailles: sur les traces d’un lieu commun”, in *La ville et la coquille. Huit essais d’emblématique*. Sous la direction de P. CHONÉ, Paris, Beauchesne Éditeur, 81-91 (Centre d’études supérieures de la Renaissance. Collection Christophe Plantin, 4).
- FELLNER, H. [1991], “Meisner Schatzkästlein”, in *Sinnbild – Bildsinn. Emblembücher der Stadtbibliothek Trier*, Trier, Stadtbibliothek, 1991, 59-68.
- LANDWEHR, J. [1972] *German Emblem Books 1531-1888. A Bibliography*, Utrecht, Haentjens Dekker & Gumbert – Leyden, A. W. Sijthoff.
- LEAL, P. G. [2017], «The the New World, on the Ship of Theseus: An Introductory Essay to *Emblems in Colonial Ibero-America*», in *Emblems in Colonial Ibero-America: To the New World on the Ship of Theseus*, P. G. Leal with R. AMARALI JR. (Eds.), Glasgow, Glasgow Emblem Studies, 1-52.
- MEISNER, D. e KIESER, E. [1992], *Politisches Schatzkästlein*, Faksimile-Neudruck der Ausgaben Frankfurt am Main 1625-1626 und 1627-1631 Mit einer Einführung, Quellennachweisen und Registern von Klaus Eymann. Vierte, verbesserte Auflage, Verlag Dr. Alfons UHL, Nördlingen.
- MÍNGUEZ, V. e RODRÍGUEZ, I. [2011], «The Urban Emblems of Daniel Meisner. The Image of the City as a Treasury of Knowledge (1700)», in *In Nocte Consilium. Studies in Emblematics in Honor of Pedro F. Campa*, J. T. CULL and P. M. DALY (Eds.), Baden-Baden, Koerner, 395-427.
- PEIL, D. [1998], “Emblematik zwischen Memoria und Geographie. Der *Thesaurus Philo-Politicus*. Das ist : *Politisches Schatzkästlein*”, in *Erkennen und Erinnern in Kunst und Literatur*, Tübinga, Niemeyer, 351-282
- PRAZ, M. [1964], *Studies in Seventeenth-Century Imagery*, 2ª ed., Roma, Edizioni di Storia e Letteratura (Sussidi Eruditi 16).
- REIS, N. R. [2000], *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial do Estado, FAPESP.
- RODRÍGUEZ MOYA, I. [2013], “El Amor en el *Thesaurus Philopoliticus* de Daniel Meisner”, in A. MARTÍNEZ PEREIRA, I. OSUNA, V. INFANTES (Eds.), *Palabras, símbolos, emblema. Las estructuras gráficas de La representación*, Madrid, Turpin Editores, Sociedad Española de Emblemática, 453-468.
- SOUSA LEÃO, J. DE [1957], *Salvador da Bahia de Todos os Santos. Iconografia Seiscentista Desconhecida*, Haia/Amsterdã/ Rio de Janeiro, Neuenhoff e Kosmos, 1957, não paginado.
- ZINCGRUF, I. G. e MERIAN, M. [1619]. *Emblematum Ethico-Politicorum Centuria*, Prostat, Apud Iohann Theodor. de Bry.

